

Uma apropriação crítica e criativa dos espaços e tempos compartilhados Relato de experiência da Casa nº16

Critical and creative appropriation of spaces and times
shared Experience report of House # 16

Alexsandra Bertoli

Resumo: O Coletivo Casa nº16 surgiu por causa de um espaço-tempo compartilhado. A forma como os espaços da casa foram sendo apropriados - o limite tênue entre moradia e ateliê, entre sala de estar, sala de ensaio e galeria – proporcionaram uma experiência onde as respostas das questões vivenciadas não seriam encontradas em livros, e sim na prática cotidiana. Reunindo artistas de linguagens diversas, o coletivo ocupou um espaço em Vila Velha, abrigou exposições, shows, espetáculos de artes cênicas, oficinas e reflexões sobre o fazer artístico. Vivenciamos o que de mais efêmero e, ao mesmo tempo profundo, pode existir nas relações que se estabeleceram nessa experiência. Selecionei para esse trabalho algumas e, é claro, deixo de fora muitas outras experiências que tiveram importância nesse processo.

Palavras-chave: coletivos artísticos; processo colaborativo; espaços compartilhados.

Abstract: The Collective Casa Nº 16 came about because of a shared spacetime. The way the spaces of the house were being recorded - the fine line between house and studio , between the living room, gallery and rehearsal room - an experience which provided the responses of experienced issues would not be found in books, but in everyday practice. Bringing together artists from different languages, the group occupied a space in Vila Velha, housed exhibitions, concerts, performances of performing arts, workshops and reflections on the artistic. We experience that most ephemeral and at the same time profound, can exist in the relationships established in this experience. Selected for this work and some, of course, leave out many other experiences that were important in this process.

Keywords: artistic collective; collaborative process; shared spaces.

“A percepção estética significa não apenas relançar os olhos por algo, mas atentar para ele, fitá-lo, perscrutá-lo – em suma, vê-lo realmente.” (DEWEY, 2010, p.123)

Casa nº16 - Espaço

A Casa nº16, está situada na Rua Espírito Santo, na Praia da Costa, em Vila Velha, e pertence a um condomínio de casas na também conhecida Rua das Castanheiras, um dos últimos, senão o último local na Praia da Costa que ainda não foi tomado por prédios. Morar neste lugar fez com que a possibilidade de ter um espaço para produção de arte se tornasse possível e, para além de uma moradia compartilhada, passou a abrigar a produção do coletivo que se formou na casa. Um lugar de troca com outros criadores que partilhavam da mesma necessidade: espaço para produção e difusão do trabalho artístico. A falta de espaço para produzir é uma questão que estava, e ainda está, sempre presente em nossas conversas, a vontade de fazer com que esses espaços alternativos para a produção e difusão da arte aconteçam, é o maior foco do projeto que começou a se desenhar a partir da vivência experienciada na casa.



“Nessa comunhão dinâmica do homem e da casa...O espaço habitado transcende o espaço geométrico.” (BACHELARD, 1974, p.62)

A casa, antes de nós, já abrigava artistas e seus trabalhos. Os donos são artistas, sua filha que morou na casa antes de nós é artista, então, esse espaço, desde a década de 80 é um lugar de criação e produção artística. Saber um pouco de sua história, das memórias de seus antigos moradores e frequentadores, das criações antecedentes às nossas criações no espaço: os quadros que já estavam nas paredes, os móveis antigos, as plantas no quintal, a iluminação de suas portas e janelas, os portões, os azulejos, os barulhos do sótão, a micro floresta em seus telhados. Partir disso para falar do espaço público e privado, da subjetividade e da coletividade, da reclusão e da aglomeração, dessas dicotomias que me rodeiam, que rodeiam a todos nós, presumo, foi uma constante na vivência nessa casa de arte e convívio. Vivenciar uma moradia artística e compartilhada também é se encher de questões práticas. Sobretudo sobre o próprio funcionamento desses espaços. Sobre individualidades e coletivos. Inseridos em uma sociedade super especializada, que faz da compartimentação e do isolamento das pessoas um recurso para assegurar a dominação, vivenciar um espaço multiplicador de pontos de vista em relação a arte e a vida, talvez signifique fugir da clausura e contribuir para que as pessoas também o façam. Modificando-se e diversificando os enfoques, criando um espaço que atue para desformar o corpo – no sentido de tirar da forma padrão – e transformar. Os eventos periódicos, as exposições, os espetáculos, as reuniões dos grupos de artistas, as residências artísticas tiveram um caráter aglutinador. Reuniram em um tempo/espaço experiências pessoais, propostas estéticas e pensamentos artísticos diversos. Esses momentos de convívio com a pluralidade e o acelerado movimento de circulação de informações me trouxe a possibilidade de ter encontrado uma busca, algo de que queremos muito ouvir, pensar, falar. A conquista do uso desse lugar foi feita diariamente. O espaço cotidiano e o espaço de produção artística estavam em uma condição de inseparabilidade, ambos numa nova condição, híbrida. Desde as fronteiras e potências entre linguagens, até o processo colaborativo e a estética relacional. Talvez quiséssemos que muitas pessoas criassem algum tipo de

relação com a casa: ampliar ao máximo essa experiência. Por isso foi importante que as pessoas estivessem ali como em uma casa, que houvesse uma relação de igualdade com cada um, ainda que isso não fosse uma condição, pois as relações se estabelecem diferentemente umas das outras. Penso, por isso que acabamos por estabelecer mais um espaço para criações coletivas que envolveram artistas e não-artistas, em uma apropriação crítica e criativa dos espaços e tempos compartilhados.

Casa no16 – O Corpo (Coletivo)

O Coletivo Casa nº16 surgiu por causa de um espaço-tempo compartilhado. A forma como os espaços da casa foram sendo apropriados: o limite tênue entre moradia e ateliê, entre sala de estar, sala de ensaio e galeria. Uma experiência onde as respostas das questões vivenciadas não seriam encontradas em livros, e sim na prática cotidiana. A Casa no 16 foi um coletivo que se formou com o propósito, além da produção e da difusão dos próprios trabalhos, a possibilidade de troca com o que vem sendo produzido por outros criadores. Reunindo artistas de linguagens diversas, o coletivo ocupou um espaço em Vila Velha, abrigou exposições, shows, espetáculos de artes cênicas, oficinas e reflexões sobre o fazer artístico. Funcionou como um propulsor e suporte para a realização de trabalhos individuais e do coletivo e de outros grupos e coletivos. O Coletivo Casa no 16 era composto por: Alexsandra Bertoli, Carla van den Bergen, Fernando Marques, Dante Negreiros, Luara Monteiro e Raphael Araújo.

As coisas aconteceram de forma intensa, em um tempo quase sempre atropelado. E, se por um lado, ainda nos afinávamos entre nós, por outro, estávamos interessados no que mais podíamos abarcar nesse projeto, a partir das experiências com outros criadores e coletivos. Vivenciamos o que de mais efêmero e, ao mesmo tempo profundo, pode existir nas relações que se estabelecem nesse tipo de experiência. Selecionei algumas delas para este relato e, é claro, deixo de fora muitas coisas que foram importantes nessa experiência. Escolho pelo afeto e pela transtornação que elas imprimiram na experiência de um ano desse espaço e em minha vida.



CAMARÃO FILMES E IDEIAS CAÓTICAS

Cada integrante deste coletivo já havia estabelecido uma relação pessoal com as possibilidades de produção e troca que o espaço da casa no16 oferecia, mas foi com a produção do filme “Confinópolis” que a Camarão filmes se apropriou da Casa no16 como espaço de produção em coletivo, utilizando seus cômodos para as reuniões e também para algumas locações do filme.

“Confinópolis” é um filme baseado no universo criado por Raphael Araújo em forma de quadrinhos nas duas primeiras edições da revista “Prego”. Porém, para além de abrigar as produções dos quatro integrantes da Camarão Filmes, a Casa também só existiu, enquanto experiência colaborativa, por causa de cada um deles, que contribuíram com o seu pensar e fazer artísticos durante todo tempo de existência desse espaço. Não há como relatar essa experiência em particular, visto que eles estão integrados com a experiência geral desse tempo-espaço que foi a Casa no16.



APONTAMENTOS - RESIDÊNCIA ARTISTICA DE VICTOR MONTEIRO

As residências compartilhadas na casa foram sempre de acordo com a necessidade de cada artista. Entre elas, destaco uma que considero mais profunda no que diz respeito a troca, e a transformação de nós mesmos e do espaço que compartilhávamos. Quando Victor Monteiro decidiu que depois de passar por um mosteiro Zen budista, terminaria seu projeto de residência artística na casa no16, sabia o quanto aquela decisão influenciaria nas questões do próprio funcionamento da casa e de nós dentro dela. Mas acho que muito do que posso dizer dessa experiência está no texto a seguir, escrito posteriormente a sua residência. Eis o que ficou, para mim.

Já ensaiamos trabalhos, filosofias, quereres e carências. Falamos de tudo, ficamos em silêncio, nos atravessamos olhando através de nós e para além, vagando nossos sonhos em espaços outros que não os que fincam nossos pés no chão. Sim, temos raízes profundas, mas, às vezes, nos esquecemos delas. Sei lá há quanto tempo esse apontador mora em minha alma, mas não é de hoje. Agora o que percebi com sua presença constante, porque ele veio dividir comigo a estadia nessa terceira alma imensa de

janelas grandes e portas abertas, o que percebi é essa coisa de fincar os pés e fazer, sabe? Nisso ele é bem melhor que eu. Ao observá-lo em seu trabalho, que parece um fugir, e pode até ser, mas não a fuga para uma ilusão qualquer, percebi o mergulho para o dentro do dentro, submergindo em camadas, uma camada a mais antes de voltar à tona d'água. Ia dizer que não há fantasia em sua introspecção, mas há, e há memória, desejo, e tudo é tão real quando vejo seu mundo surgindo na varanda, lapidado pela energia de tempos imemoriais, num labirinto de montanhas e penhascos tão antigo quanto a alma do seu criador.



(Foto: Marco Antonio Vianna)

BOOM

O coletivo Casa nº16 funcionou, mais no intuito de gerir um espaço alternativo temporário para produção e difusão de arte e cultura. Porém, no fim do ano, momento em que nos preparávamos para sair do espaço, fomos convidados a participar do

evento de intervenções e performances que aconteceria no dia 11 de novembro, na capital do estado. O evento, chamado “BOOM” contaria com participação de vários artistas e suas propostas, quase todas colaborativas, que aconteceriam ao longo de todo o dia onze, em Vitória e em outros lugares do mundo. O coletivo apostou em uma proposta que apontasse para os espaços ociosos e abandonados na cidade e de forma lúdica sinalizamos esses espaços. O nome do projeto/ proposta foi extraído de uma frase do poema de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa:

Passagem das Horas

Não sei sentir, não sei ser humano, não sei conviver de dentro da alma triste, com os homens, meus irmãos na terra.

Não sei ser útil, mesmo sentindo ser prático, cotidiano, nítido. Vi todas as coisas e maravilhei-me de tudo. Mas tudo ou nada sobrou ou foi pouco, não sei qual, e eu sofri. Eu vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos.

E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse. Amei e odiei como toda a gente. Mas para toda agente isso foi normal e instintivo. Para mim sempre foi a exceção, o choque, a válvula, o espasmo.

Não sei se a vida é pouco ou demais para mim. Não sei se sinto demais ou de menos. Seja como for a vida, de tão interessante que é a todos os momentos, a vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger, a dar vontade de dar pulos, de ficar no chão, de sair para fora de todas as casas, de todas as lógicas, de todas as sacadas, e ir ser selvagem entre árvores e esquecimentos.

Como proposta partimos da questão da revitalização do tempo, que para nós se faz cada vez mais presente. A casa no16 enquanto coletivo, que se formou a partir da experiência em um espaço de convivência, vivenciava naquele momento o fechamento de um ciclo, a desapropriação de seu espaço de origem, nos fazendo pensar sobre o fazer artístico no cotidiano (em que há sobretudo uma necessidade de questionar e debater, tencionar). Produzindo - cada qual com suas linguagens - novos diálogos. Reflexões sobre a política (política do grego antigo e se refere a todos os procedimentos relativos à pólis, ou à cidade-estado) que nos cerca. Quais são de fato os ritos de nossos sistemas? Macro e micro sistemas, orgânicos ou não, que, encadeados, vivenciam diferentes tempos. Pessoas e espaços em diferentes níveis de construção/desconstrução. E o que há de eterno no efêmero? Contagem regressiva sempre.

Procedimento:

A partir de questões já vivenciadas em trabalhos anteriores como o abandono e a memória de espaços dentro do meio urbano, grandes cidades e metrópoles, propomos uma ação coletiva pensada para acontecer no Centro de Vitória. Foram mapeadas 16 casas e/ou prédios em situação de abandono, nos dias que antecederam o dia 11 de Novembro de 2011. Esses espaços foram sinalizados com uma tag com o nome do projeto: “Entre árvores e esquecimentos”, relacionando-os ao mapa disponibilizado no blog da Casa no16, juntamente ao projeto da ação. No dia do evento o Coletivo Casa no16, com outros artistas, e amigos que se disponibilizaram para participar da ação, saíram pelas ruas do centro de Vitória com seus mapas em mãos, em cada um dos dezesseis mapas, um espaço era sinalizado. A missão era procurar o lugar através do mapa recebido, esperar o horário marcado e detonar uma bomba de fumaça colorida, registrando o processo. Foram detonadas 16 bombas de fumaça colorida, uma em cada espaço mapeado, quase ao mesmo tempo.



(Foto: Luara Monteiro)

ENTRE - CRUZAMENTOS

O grupo Z de Teatro, do qual faço parte, já usava a casa, já existia uma parceria, porém, a decisão de montar e apresentar o *Insone* lá, o Grupo passou a ensaiar na sala de estar e também galeria, três vezes por semana, três horas por dia. Logo depois passou a fazer parte do coletivo que se formava naquele momento, de um jeito quase intuitivo e natural. Um coletivo que se formava pela necessidade de um espaço para produzir arte e de trocar experiências com outros artistas e com o espectador que se interessasse pelo processo e pela poética da casa.

O “*Insone*”, espetáculo montado e apresentado na casa, será meu foco para tratar dessa fusão. É, sem dúvida, o trabalho mais significativo para mim, no que diz respeito a vivência cotidiana nesse espaço: que morei, me diverti e trabalhei. O *Insone* se desdobra no hibridismo proposto pela dança e pelo teatro em um processo colaborativo. Eu me desdobrei nesse trabalho, imersa em um hibridismo ainda mais intenso. A subjetividade sendo diluída, testada e reavaliada pela vivência coletiva intensa e cotidiana nesses

respectivos grupos e coletivos inseridos em um mesmo espaço. A Casa no16 foi o local de trabalho do grupo Z por mais ou menos oito meses e, também, um local de provocações sobre o nosso fazer artístico e sobre a nossa escolha por um trabalho de grupo. Certamente o elemento da diversidade foi e continua sendo fundamental para a sobrevivência do grupo, então a Casa no16, naquele momento, surgiu como um espaço de oxigenação para as relações internas do Grupo Z. Observar outros pontos de vista, ver a arte desses artistas que estavam na casa além de nós em seus processos e pesquisas, foram um elemento fundamental de renovação das relações internas do grupo e de nossa relação com as novas possibilidades de promover o trabalho artístico. Findas as grandes utopias dessa experiência, acredito com toda força na possibilidade de intervir, ainda que singelamente, no entorno, defendendo a ideia de uma postura menos passiva diante da realidade, “trata-se de reivindicar uma forma de convivência mais afetiva, fundada na alegria e na afirmação, a qual, afetando a nossa alma, ainda que se realizando nos corpos, individual e coletivo, confirme de modo legítimo que “um mundo diferente é realmente possível” (Lazzarato, 2003) quando o que move o Coletivo, seja ele artístico, ou não, seriam portanto, as utopias realizáveis, que alimentam o tempo presente criando esperançosamente aquilo que ainda não é.

Acho que falar um pouco sobre essa experiência, tentam dar conta de perpassar um caminho que ainda percorro, olhando as coisas ainda muito de perto, e por isso mesmo, de forma emocionada. É claro que no texto existe um pouco de falácia, de uma tentativa ingênua de concretizar aquilo que, em sua essência é abstrato, carregado do inenarrável como um encontro, ou uma interatividade.

Questões que ocorreram de forma muito mais orgânica e intuitiva. Penso que escrevi fragmentos que tentarão fazer sentido enquanto percursos que se entrecruzaram em um caminho não linear.

Movimentos da vida em meu corpo e no corpo maior que o meu. E que se constitui a partir das minhas relações artísticas-pessoais, de espaços e tempos dos quais sou célula, tentando ser colaborativa. Uma experiência onde as escolhas das ações cotidianas implicam diretamente no fazer artístico. Sei que ainda restarão pontos

pendentes, questões que parecem impossíveis de serem respondidas. E penso que essas questões também servem quando não são respondidas, pois elas induzem a reavaliação.

“A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho!” (LISPECTOR, 1994, p25.)

Para concluir um pensamento sobre a Casa nº16 tentei pensar naquilo que ainda não tínhamos dito sobre essa experiência, nos silêncios, suspiros e soluços. Difícil. Talvez nunca foi dito que o seu caráter coletivo é em si caráter político dos mais importantes, ao menos para nós que estivemos lá.

Porque talvez nunca foi dito que na base coletiva e aberta da casa empunhamos bandeira utópica por uma sociedade mais colaborativa. Nunca foi dito porque a casa nº16 não é uma tese, seu forte não é o discurso, sua força reside no contato humano, na experiência singular, nova a cada dia, do primeiro ao último dia em que estivemos lá. Tanta coisa não foi dita e nem será. Isso em mim, indica que já foi incorporada à carne e ao coração.

Referências:

- BARCHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. In: Os Pensadores XXXVIII. 1. ed. São Paulo. Abril Cultural, 1974.
- DEWEY, J. Arte Como Experiência. São Paulo: Martins Martins Pontes, 2010.
- LISPECTOR, C. A descoberta do mundo. Rocco, 2009.